

O DESPERTAR PARA A DANÇA CIGANA: UM ENCONTRO DE SIGNIFICADOS NA ARTE E NA LICENCIATURA EM DANÇA

Patrícia Schneider ¹

patricia.sch.blu@gmail.com

Sonia Laiz Vernacci Velloso ²

eshaprem2015@gmail.com

RESUMO:

Estudar e pesquisar as danças ciganas contribui para a preservação da memória de uma cultura milenar, com uma origem em comum com a dança do ventre, e que ao longo do tempo ramificou-se ao se espalhar pelo mundo, a medida em que o povo cigano, como nômade, deslocava-se. O objetivo desta investigação foi pesquisar e refletir sobre as danças ciganas em termos artísticos, pedagógicos e acadêmicos a partir do estudo de referenciais teóricos e vivências de uma das autoras do referido artigo. Buscou-se referências bibliográficas sobre o tema e associou-se como *locus* de investigação as experiências pessoais desta pesquisadora em aulas de danças ciganas e dança do ventre dos anos de 2017 a 2020, refletindo sobre suas tradições, assim como, sobre práticas artísticas e pedagógicas e sua utilização em tempos contemporâneos, com enfoque na metodologia *Gypsy Duende*. Concluiu-se, com esta pesquisa, que tanto nas danças ciganas quanto na dança do ventre, ao criar significados a partir da diversidade cultural da etnia cigana, delineando relações entre a pessoa que dança e suas existências sociopolítico-culturais, são reconhecidos e valorizados conhecimentos históricos, étnicos e culturais a serem utilizados como instrumentos pedagógicos. Assim como em condutas de exploração da criatividade na dança, utilizando diferentes ritmos e que colaborem na pesquisa de movimentações, em busca de maior autenticidade da expressão e do movimento.

Palavras-chave: Danças ciganas. Dança do ventre. Gypsy Duende.

ABSTRACT:

Studying and researching gypsy dances contributes to preserving the memory of an ancient culture, with a common origin with belly dancing, and which over time has branched out to spread throughout the world, as the gypsy people, as a nomad, moved. The objective of this investigation was to research and reflect on gypsy dances in artistic, pedagogical and academic terms, based on the study of theoretical references and experiences of one of the authors of the aforementioned article. Bibliographic references on the subject were sought and the locus of investigation was associated with the personal experiences of this researcher in gypsy and belly dancing classes from 2017 to 2020, reflecting on their traditions, as

¹ Patrícia Schneider, professora de ballet e danças ciganas artísticas, graduada em Psicologia, pós-graduada em Arte-Educação e Dança Educacional, graduanda da 8ª fase do curso de Licenciatura em Dança da FURB.

² Sonia Laiz Vernacci Velloso, mestre em Teatro com especialidade em Culturas Populares, professora de Danças Populares e Teatro, bacharela e licenciada em Teatro pela UDESC.

well as on artistic and pedagogical practices and its use in contemporary times, focusing on the Gypsy Duende methodology. It was concluded, with this research, that both in gypsy dances and in belly dancing, by creating meanings from the cultural diversity of the gypsy ethnicity, outlining relationships between the person who dances and their sociopolitical-cultural existence, knowledge is recognized and valued historical, ethnic and cultural instruments to be used as pedagogical instruments. As well as in conducts of exploration of creativity in dance, using different rhythms and that collaborate in the research of movements, in search of greater authenticity in expression and movement.

Key words: Gypsy dance. Belly dance. Gypsy Duende.

INTRODUÇÃO

Desde o início da Licenciatura em Dança na da Universidade Regional de Blumenau – FURB, no segundo semestre do ano de 2017, a pesquisadora³ esteve ligada às danças ciganas e vem desenvolvendo estudos e pesquisas, deixando registrada a introdução dessa modalidade de forma artística, pedagógica e acadêmica em sua comunidade local.

Ao final do primeiro semestre do ano de 2021, em seu trabalho de conclusão de curso⁴, escreveu sobre suas vivências e experiências artísticas e pedagógicas nas danças ciganas e na dança do ventre durante o período de 2017 a 2020, sobre conhecimentos adquiridos e reflexões surgidas ao longo deste percurso. Este artigo conta uma parte desta trajetória, dando ênfase a parte pedagógica das danças ciganas e da dança do ventre ao final da Licenciatura em Dança.

DE UMA TRAJETÓRIA ARTÍSTICA A UMA TRAJETÓRIA PEDAGÓGICA NAS DANÇAS CIGANAS

Ao entrar em contato com a dança cigana no final de 2017, conforme Figura 1, na disciplina de Teorias e Práticas Pedagógicas das Danças Folclóricas, com o professor Dr. Marco Aurélio da Cruz Souza⁵, a pesquisadora percebeu uma nova possibilidade e, entre os anos de 2018 a 2021, aprofundou-se nessa prática artística como bailarina, professora e pesquisadora, buscando estudar e pesquisar essa

³ As vivências do presente artigo referem-se a pesquisadora e autora Patrícia Schneider.

⁴ Trabalho de Conclusão de Curso, com o título "Vivências e reflexões sobre uma trajetória artística e pedagógica nas danças ciganas" orientado pela Prof. Me. Ivana Vitória Deeke Fuhrmann.

⁵ Marco Aurélio da Cruz Souza: Doutor em Motricidade Humana, especialidade de Dança na Faculdade de Motricidade Humana, Portugal (2019), reconhecido no Brasil pelo programa de pós-graduação em Artes Cênicas da UFRGS. Mestre em Performance Artística - Dança pela Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa, Portugal (2010) reconhecido no Brasil pelo programa de pós-graduação em Dança da UFBA. Graduação em Educação Física pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (2002) e pós-graduação em Dança Educacional, a nível de especialização pela UDESC, Universidade do Estado de Santa Catarina (2006). Membro da comissão de criação do curso de Licenciatura em Dança da FURB, Universidade Regional de Blumenau, professor e coordenador da mesma.

modalidade e áreas afins, conhecendo diferentes professores e etnias de danças ciganas artísticas, participando de diversas aulas, cursos, espetáculos, criando coreografias para participar de festivais de dança, conquistando premiações, vindo a tornar-se também uma nova forma de lecionar. Nestes estudos, as danças ciganas, com objetivos educacionais, mostraram-se ser uma modalidade de dança acessível e possível de se dançar independentemente da idade, do tipo de corpo, além de possibilitar pesquisas de movimentações e reflexões acerca do seu corpo por intermédio de vivências e contato com a cultura de outras etnias, assim como uma tomada de consciência em relação à preservação dos aspectos culturais e sua valorização.

Figura 1 - Apresentação final da disciplina Teorias e Práticas Pedagógicas das Danças Folclóricas, da Licenciatura em Dança - FURB



Fonte: Acervo pessoal da autora (2017)

Ao interessar-se pela modalidade e o estudo da dança cigana, em 2017, e procurar por aulas afins no ano de 2018 para se aprofundar nesta modalidade, em sua cidade natal, Blumenau, a única modalidade encontrada para estudo regular foi a dança do ventre, onde passou a ser integrante do grupo de alunas na Escola DA Dominique de Andrade, conforme Figura 2.

Figura 2 – Espetáculo Escola DA Dominique de Andrade



Fonte: Acervo pessoal da autora (2020)

Após um percurso de estudo nas danças ciganas e na dança do ventre, de forma artística e acadêmica, veio, por meio do estágio supervisionado em dança em espaços não-formais, observar as aulas com outro olhar, o olhar do professor/artista/pesquisador, tentando identificar as estratégias, as contextualizações (históricas, culturais) e as metodologias de ensino, acompanhando as aulas de três professoras: Dominique de Andrade⁶, de Blumenau-SC, na dança do ventre, conforme Figura 3; Victoria Ivanova⁷, professora russa, com danças ciganas russas, de modo *online*, conforme Figura 4 e Carolina Morais Fonseca⁸, de Portugal, com a metodologia *Gypsy Duende*, da rede *Danza Duende*, conforme Figura 5, explorando várias etnias ciganas, de modo *online*.

⁶ Dominique de Andrade, graduada em Educação Física, gestora, coreógrafa e professora da Escola DA Dominique de Andrade e da Cia de Dança Dominique de Andrade em Blumenau-SC e Balneário Camboriú-SC.

⁷ Victoria Ivanova, natural da Sibéria-Rússia, é artista, bailarina, professora e coreógrafa de Danças Ciganas, completou seus estudos de música e dança na escola Novosibirsk-Rússia, atualmente uma artista internacionalmente estabelecida, professora da rede 'Danza Duende' e fundadora da Escola de Dança Khurusha Online.

⁸ Carolina Morais Fonseca, natural de Portugal, artista, professora, bailarina e coreógrafa de danças ciganas, internacionalmente estabelecida, atualmente diretora da rede 'Danza Duende'.

Figura 3 - Aulas com professora Dominique de Andrade



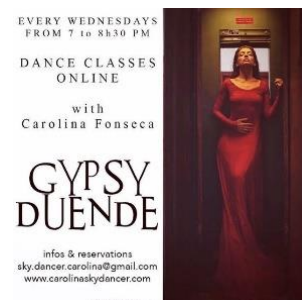
Fonte: Instagram de Dominique de Andrade (2020)

Figura 4 - Aulas online com professora Victoria Ivanova



Fonte: Instagram de Victoria Ivanova (2020)

Figura 5 - Aulas online com professora Carolina Morais Fonseca



Fonte: Instagram de Carolina Morais Fonseca (2020)

Deste modo, a pesquisadora iniciou seu trabalho com danças ciganas artísticas na cidade de Blumenau, participando de apresentações nesta modalidade com o intuito de divulgação, desenvolvimento pessoal e profissional na área, e ao longo do tempo iniciou a formação das primeiras turmas como professora dessa modalidade. A contextualização histórica e social, o conhecimento de uma cultura diferente e reflexão sobre as tradições do povo cigano, especialmente em relação à dança, é de grande importância ao pensarmos na prática pedagógica de uma modalidade específica. Desse modo, busca-se criar significados a partir da cultura cigana, delineando relações entre a pessoa que dança e suas existências sociopolítico-culturais.

No âmbito acadêmico a dança é pensada como arte, como forma de pesquisar suas contribuições para a exploração da criatividade na dança, assim como explorar diferentes movimentos e ritmos. E como prática artística, para quem dança e para quem a assiste, despertar interesse do público sobre o tema e demonstrar que cada povo tem sua maneira de viver e expressar-se, dando a oportunidade de conhecer uma parte dessa cultura, libertando preconceitos e desmistificando estereótipos ciganos.

Em seu estágio supervisionado em dança em espaços não-formais na Escola DA Dominique de Andrade, a prática marcante foi o estudo do *Saidi*, uma dança e ritmo egípcios da região do Alto Egito, conhecida no folclore árabe como *Raqs Assaya*. Segundo Mahaila (2016), o figurino utilizado é uma túnica longa, lenço de moedas na cintura e na cabeça, tendo como instrumentos musicais utilizados nas músicas o *mizmar* (flauta) e o *table* (percussão), e a dança destaca pequenos saltos e movimentos com bastão ou bengala.

Essa região (Alto Egito) também dá nome ao ritmo *Saidi*, um dos mais populares utilizados em diversos diferentes estilos de dança atualmente. Nessa região, surge o *Tahitib*, uma dança masculina cuja finalidade principal é demonstrar a habilidade na encenação de um duelo em que os bailarinos utilizam longos bastões de bambu chamados *Assaya*. Afinal, essa dança

originalmente remete a uma luta marcial, movimento porque os bastões são mantidos e evidenciados em diversas manobras, como giros, pelos bailarinos. (MAHAILA, 2016, p. 73).

Percebeu-se na prática, conforme Figura 6, que o *Saidi* é uma dança folclórica muito alegre e contagiante, fazendo uma grande diferença em época de isolamento social frente a pandemia do Covid 19, onde a dança e a alegria estiveram tão contidas. Essas são características marcantes nas também danças ciganas, as quais tem origens comuns com a dança do ventre, transmutar sentimentos negativos em positivos pela sua música e dança.

Figura 6 – Saidi Escola DA Dominique de Andrade



Fonte: Acervo pessoal da autora (2020)

Para Laban (1978), as danças regionais e nacionais são criadas pelas características da comunidade, um determinado grupo social que vive num determinado ambiente, dando aos movimentos o sentido de comunicação, no lugar das palavras. Desse modo, o movimento conduz ideias e impulsos internos a serem expressos na dança e suas representações. Essa expressão evidencia caráter, hábitos e costumes de determinado grupo social e seus antepassados, demonstrando, dessa forma, a conexão também com a educação. A necessidade da dança leva a uma variedade de tradições de movimentos, ligadas às atividades humanas, como trabalhos em equipe, luta, caça, demonstrando valor em relação ao ser social. Para esse autor, aprender a raciocinar em termos de movimento com o propósito de

domínio do movimento é uma atividade expressiva e criadora fundamental do homem e um fator importante no progresso da civilização.

A pesquisadora percebeu, durante as aulas *online* do estágio supervisionado em dança em espaços não-formais com a professora Carolina Morais Fonseca, que o treinamento em *Danza Duende* possui três pilares: liberdade, rigor e virtude, sendo que esse treinamento e essa metodologia podem ser utilizados para qualquer pessoa, qualquer profissional, mesmo em outras áreas que não sejam a dança em si, por ser muito abrangente no sentido de alcançar o conhecimento de si e de seu espaço pela dança. Quando utilizada para o ensino de danças ciganas, chama-se *Gypsy Duende* e pretende estudar os conhecimentos e a essência universal desse estilo de dança e sua variedade étnica, trazendo estes ensinamentos para a contemporaneidade. Assim sendo, a dança cigana ensinada com ênfase na *Danza Duende* e denominada *Gypsy Duende* aborda o desenvolvimento da dança utilizando elementos da meditação, meditação ativa, artes marciais e teatro, buscando alcançar uma dança mais criativa, como comenta Roncon (2013).

O Gypsy Duende nasceu como resultado de um estudo acerca da essência universal das Danças Ciganas e sobre o melhor modo de veicular e ensinar uma arte que exige uma total entrega - dançando-se integralmente com o coração e não apenas com o corpo - tentando preservar, simultaneamente, no ensino a sua natureza livre e selvagem. Esta questão levou naturalmente à reflexão sobre a autenticidade da expressão e do movimento e à conclusão de que uma pessoa não se torna autêntica, mas sim autoriza-se a ser autêntica. (RONCON, 2013, n.p.)

Para Roncon (2013), esta abordagem tem a preocupação de ensinar além dos passos, pois o foco está nos ritmos das músicas e etnias e, a partir disso, poder dançar livremente, criar seu modo de dançar com simplicidade e improviso. Os passos são ensinados, mas utilizados como instrumento para alcançar a autenticidade da expressão e do movimento. O ser autêntico quebra regras, desafiando-se a ser diferente e expandindo-se à diversidade. O povo cigano original, que vive sua etnia, também muda passos, inventa novos, todo o mundo está sempre em constante mutação e na dança não é diferente.

Nas aulas *online* do estágio supervisionado em dança em espaços não-formais, com a professora russa Victoria Ivanova, percebeu-se o caráter da cultura russa no que diz respeito à técnica, pois a dança cigana russa recebeu muita influência do folclore russo e até mesmo da dança clássica. Constatou-se que a referida professora aborda em suas aulas a história da arte cigana, assim como, a influência de várias localidades na dança da Rússia, como passos da Índia, movimentos de mãos do flamenco, sapateado da América.

Os ciganos sempre tiveram outras ocupações, mas falando de música e dança cigana, o talento desta etnia é incrível e já o fazem desde crianças. Os ciganos russos especificamente cantavam e dançavam em seus acampamentos ou em suas próprias casas, nas férias em família, até que a aristocracia russa ficou muito interessada nos romances cantados da vida cigana. Os nobres começaram a convidar os ciganos para ouvir suas canções e assistir a danças. Os ciganos começaram a se apresentar nos principais restaurantes das cidades. Toda festa queria a atmosfera de diversão criada pelo povo cigano. A demanda pela arte cigana cresceu rapidamente e, conseqüentemente, a competição cresceu. Os artistas ciganos tinham que melhorar constantemente suas habilidades de atuação, dominar novas técnicas de palco e buscar novas formas. Foi assim que se formou a arte cigana profissional. Artistas ciganos que se apresentavam para o público em geral, além do folclore tradicional, passaram a incluir em seu repertório canções de autoria urbana, que interpretavam à sua maneira. A dança também foi sofrendo algumas mudanças, ficando mais acrobática, competitiva, saias maiores, mais coloridas. (IVANOVA, 2020, p. 25).

De acordo com Ramanush (2017), autora brasileira de etnia cigana, a dança cigana em sua essência não poderia ser ensinada ou coreografada, pois “O bailar cigano é despertado dentro de cada mulher naquilo que ela traz de sua ancestralidade, no culto e manipulação dos elementos e nos círculos familiares.” (RAMANUSH, 2017, n.p.). Dessa forma, sugere a utilização da nomenclatura ‘dança cigana artística’ por professoras não ciganas em escolas de dança ou academias, conforme Figura 7.

Figura 7 – Solo de dança cigana artística



Fonte: Acervo pessoal da autora (2019)

CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

Frente às vivências pessoais, buscou-se, por meio de referenciais teóricos, compreender sobre estilos e etnias, sobre o percurso histórico e ramificações ao longo do tempo das danças ciganas.

Nas pesquisas sobre a origem dessas danças, Maia (2013) destaca que são uma arte milenar e não têm uma origem definida, até porque os povos eram nômades e passavam suas tradições através das gerações e, por isso, uma dança plural, dentre esses “[...] os ritmos mais difundidos foram o flamenco, que tem origem cigana, na Espanha; ritmos latinos como a salsa, o merengue, a rumba e ritmos mais clássicos como os húngaros, russos e italianos, e também os do oriente médio e Egito.” (MAIA, 2013, p. 8). Dessa forma, percebe-se a abrangência desse movimento que, além da dança, tem um longo percurso de história e cultura, contribuições que podem ser utilizadas na pesquisa e educação em dança no meio acadêmico.

Tal dança e sua história pode trazer contribuições para se pensar a dança como educação para além dos espaços formais de ensino e para além das danças mais pesquisadas no mundo acadêmico, a saber: ballet clássico, dança moderna, dança contemporânea, danças populares do Brasil. Pensar essa dança nesse espaço acadêmico também nos faz refletir em seu estado da arte, em quem a pesquisa e quais as contribuições dessa dança cigana para o espaço acadêmico como fonte de pesquisa. (MAIA, 2013, p. 10).

Em sua pesquisa, a autora aborda aspectos históricos e técnicos das danças ciganas e também objetivos educacionais, “[...] pois entendemos que estes transformam e são transformados no seio da comunidade cigana e também pode lograr uma aprendizagem pela cultura para aqueles apreciadores de tal dança.” (MAIA, 2013, p. 14).

Em relação aos aspectos culturais, a cultura cigana possui tradições e costumes particulares, como todos os povos, mas a diferença fundamental é sua característica nômade, ou seja, livre de um território delimitado, e fortes laços com a família e a natureza.

Para os ciganos, a dança é a mais pura expressão da força da vida, que através dela, demonstra a sua forma de viver com liberdade, coesão familiar, preservação da família e amor à natureza. Como as marcas tradicionais dos povos ciganos, temos: aptidão para a música e dança, para as vendas, tendência para o trabalho por conta própria, e em especial, o amor à natureza. (MAIA, 2013, p. 14).

De acordo com o levantamento da embaixada cigana no Brasil sobre danças ciganas no mundo, de autoria de Ramanush (2012), em vários países da Europa não há tradição de dança entre os grupos de etnia cigana, como Alemanha, Itália, Bélgica, Dinamarca, Finlândia, Suécia, Reino Unido, Holanda,

Irlanda, França, Eslováquia, Iugoslávia, República Checa. Já em localidades da Áustria, Grécia, Romênia, Bulgária, Hungria, Macedônia, Albânia, Bósnia e Croácia, os grupos ciganos dançam suas tradições. Em outros países se vê transformações, fusões com o folclore local, como na Espanha, onde dançam os palos flamencos e a rumba, em Portugal, a rumba, na Rússia, o folclore russo. Na população cigana do Brasil existem três grupos distintos, os *Rom* e *Sinti*, que dançam suas tradições, e os *Calon*, que dançam forró e sertanejo.

Ainda, segundo Ramanush (2012), os grupos mais antigos de etnia cigana viriam da Índia, da região do Rajastão, do Iraque e da Turquia, assim como do Egito, com as *Ghawazees*, palavra do árabe que significa conquistadora, ciganas que chegaram ao Egito por volta do século XI com a influência da dança do ventre, com moedas na cintura e movimentações próprias. Segundo este autor, as emigrações seguiram pela Pérsia, Ásia Central, chegando também à Europa no século XIV, onde sofreram escravização e perseguição pela igreja católica, na qual era visada a diversidade cultural dos grupos ciganos, sua língua diferenciada, vestimentas e ocupações. Existem documentos e leis que comprovam a expulsão e proibição de pessoas ciganas em vários países da Europa, condenados e enviados a outras localidades, sendo assim, a chegada da etnia cigana ao Brasil. No século XVIII a etnia também sofreu perseguição nazista e extermínio nos campos de concentração. Mesmo com todas as adversidades sofridas, por meio de suas resistentes tradições, transmitidas de forma oral nas famílias, conseguiram manter sua identidade no decorrer dos séculos.

As viagens e os deslocamentos sempre ocuparam papéis funcionais e não tradicionais. Pois, permitiam o exercício de nossas profissões (geralmente artesanais e bem apreciadas, como utensílios domésticos de metal e de madeira, caixeiro viajante, negociante de cavalos, feirante, artista). As viagens tinham, e ainda tem uma função econômica. Do contrário ocorria o tal "nomadismo", por conta de que éramos expulsos do local. (RAMANUSH, 2012, p. 7).

Segundo Simões (2007), há evidências de ciganos em manuscritos da Pérsia, em torno do ano 400 a.C., onde ocorreu a convivência cigana com os povos árabes. Na língua cigana, chamada *romaní*, existem palavras de origem árabe, assim como percebemos a influência árabe em elementos das músicas e danças ciganas. Esse contato com os árabes e também com países de dominância árabe da época causou influências linguísticas, demográficas, sociolinguísticas e históricas. Posteriormente, houve a migração e a disseminação dos ciganos para diversas partes do mundo, contribuindo para sua variedade e composição étnica. Percebe-se a forte repercussão em países como Rússia, Hungria e Espanha. Na Espanha a música cigana tornou-se um elemento marcante tanto para celebrações religiosas quanto nas impressões das manifestações populares, originando o que se conhece hoje como flamenco.

Os ciganos adquiriram, ao longo de sua história, a fama de serem excelentes músicos, cantores e bailarinos. Essas habilidades, particularmente no que diz respeito à música, surgiram da sua necessidade de sobrevivência. Ao se relacionarem com outras culturas, passavam a assimilar suas tendências e gostos musicais, conhecendo os tipos de instrumentos, até mesmo os mais exóticos. Essa naturalidade com que os ciganos se imiscuíam nos diferentes contextos é uma de suas mais marcantes características. No decorrer do século XIX, o prestígio musical dos ciganos na Espanha, na Rússia e na Hungria alcançou patamares elevados a ponto de estes se tornarem parte da identidade cultural desses países. Eles se integraram de tal modo à tradição cultural húngara que se distanciaram completamente de sua própria tradição. No século XIX o status que os músicos ciganos alcançaram, principalmente os que procediam do noroeste do País, colocou-os numa situação privilegiada, pois a música cigana era bastante admirada e ouvida. (SIMÕES, 2007, p. 43).

Percebe-se, dessa maneira, a abrangência e influência da etnia cigana por onde passou e por onde se estabeleceu, influência mútua, pois a etnia também se apropriou de hábitos sociais e culturais destes locais, e como a arte, para esta etnia, desde sempre esteve ligada ao seu sustento, está presente de forma marcante em suas músicas ou danças.

Percebe-se também que ao longo da história, a dança do ventre e a dança cigana têm uma origem em comum. Além disso, no mundo árabe também foi se criando estilos próprios, de acordo com a localidade, e evoluindo ao longo dos séculos. Atualmente existe uma grande valorização dessa arte nos países árabes, em suas práticas artísticas e culturais, realizando grandes produções e onde os artistas têm fama e prestígio, como nos mostra Kussunoki:

Estas grandes dançarinas costumam se apresentar juntamente com orquestras clássicas árabes, em aparições públicas, em praças, nas datas comemorativas, patrocinadas pelo Estado, ou mesmo com outras orquestras particulares em teatros e restaurantes de primeira classe. (KUSSUNOKI, 2009, p. 711).

No Brasil os estilos mais difundidos de dança do ventre nas aulas e palcos são o egípcio e o libanês. Kussunoki (2009, p. 710) comenta que "Na atualidade, em sua prática artística e cultural, o estilo egípcio da dança do ventre é o mais conhecido e nele se mesclam movimentos suaves e lentos com enérgicos e rápidos.". A autora complementa afirmando que "No Líbano o ritmo é muito mais alegre e dinâmico, e as dançarinas costumam dançar com sapatos de salto alto."

Atualmente, segundo Kussunoki (2009), no Brasil, o ensino da dança do ventre, ou dança árabe oriental, também tem observado a preservação de aspectos culturais em relação às formas de se apresentar, de acordo com as tradições e ritmos, instrumentos e vestimentas do folclore de cada região, informando aos alunos sobre a história dessa modalidade, seu passado e benefícios para a saúde, assim como incorporando fusões e transformações da dança.

Novos estilos também têm surgido, em fusões de passos de dança árabe com dança flamenca, como nos estilos tribais; na indumentária; coreografias com passos de dança do ventre em

outros ritmos musicais, como o rock e samba, e também a utilização de passos de balé clássico e contemporâneo nas apresentações, e até mesmo o uso da sapatilha de ponta. Inovações com profusão de fusões, tanto de estilos da própria dança como nas músicas ou roupas, ou de significados, como as que estão ocorrendo praticamente em todas as manifestações artísticas e culturais da modernidade tardia, no mundo inteiro. (KUSSUNOKI, 2009, p. 711).

Também, segundo a autora, os ritmos brasileiros e latinos influenciam e podem se fundir com os ritmos da dança do ventre e, por termos familiaridade com esses ritmos, podemos ter facilidades para desenvolver essa modalidade corporalmente, visto que "[...] nossa cultura corporal em relação à dança em movimentos como os realizados em samba, forró, lambada, propiciam-nos algumas vantagens na aprendizagem e desenvolvimento da dança do ventre." (KUSSUNOKI, 2009, p. 710).

Desse modo, constata-se que nas danças ciganas de várias etnias, como também na dança do ventre, ocorreram várias ramificações desta manifestação artística cigana ao longo do tempo, e como pode ser enriquecedor culturalmente estudá-las, permitindo uma vasta pesquisa histórica, cultural e de etnicidades. Percebe-se a possibilidade de poder ocorrer fusão com outras modalidades e etnias, podendo incluir aos presentes na cultura popular brasileira.

Como exemplo de trabalho pedagógico junto a comunidade local, Machado (2017) desenvolve no município de Bagé (RS), oficinas de dança cigana, no intuito de desmistificar a temática, apresentando seus estilos, ritmos, vestimentas, acessórios e movimentos, numa ação de política educacional buscando a valorização deste grupo étnico e a consequente inclusão social do mesmo.

Nesta pesquisa, relevante se faz a necessidade de salientar a importância da Dança Cigana como expressão artística de uma etnia formada basicamente pelo conjunto de populações nômades com diversificados costumes e tradições, e que a Arte e suas manifestações podem ser vistas como estratégias motivacionais para a troca de conhecimentos culturais entre os povos. Assim, a pesquisadora em questão, praticante e professora das Danças Ciganas, estudiosa dos assuntos ligados a esta etnia, além de professora de Artes Visuais, vê a Dança Cigana como um potente instrumento pedagógico, que pode vir a proporcionar visibilidade às pessoas deste grupo social, desmistificando os preconceitos que o envolve, proporcionando-lhe maior valorização social. (MACHADO; MARTINS e SILVA, 2017, p. 2).

Percebeu-se que a presente pesquisa permitiu o aprofundamento e reflexões sobre as danças ciganas pensadas como prática artística e pedagógica, partindo das vivências pessoais da pesquisadora e conhecimentos existentes na bibliografia sobre o tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento de práticas artísticas da artista/pesquisadora e suas vivências baseou-se na participação de diversos cursos, aulas, eventos de estudos ligados ao tema, ao longo destes três anos, de 2017 a 2020, assim como participação em apresentações artísticas e festivais de dança nessa modalidade junto à comunidade local. Deste modo, ajudando a divulgar a modalidade para quem dança e para quem a assiste, com a intenção de despertar interesse sobre o tema e transmitir um pouco do conhecimento adquirido em seus estudos sobre etnias ciganas, como surgem movimentações de sua dança, sua cultura social e artística.

Posteriormente, em 2020, como prática pedagógica, a artista/pesquisadora vem, desde então, desenvolvendo um trabalho pioneiro com danças ciganas artísticas na cidade de Blumenau (SC), formando as primeiras turmas como professora dessa modalidade. Suas vivências em aulas e estágios com diferentes professoras e profissionais de diferentes modalidades e enfoques possibilitaram a ampliação do conhecimento sobre o tema, assim como as diferentes formas pedagógicas vivenciadas.

Todo este percurso, somente possível a partir da Licenciatura em Dança e das pesquisas em dança da autora, que ao final do ano de 2017 despertou novas possibilidades, enriquecendo o leque de interesse da mesma para outras modalidades (danças ciganas, dança do ventre, dança de salão) e formas pedagógicas, da que tinha anteriormente no Ballet Clássico.

Percebeu-se que a contribuição das danças ciganas em práticas artísticas e pedagógicas, juntamente com a metodologia *Gypsy Duende*, estão em condutas que permitam a exploração da criatividade na dança e que colaborem na pesquisa de movimentações em busca de maior autenticidade da expressão e do movimento. O desenvolvimento da artista neste sentido, que iniciou suas pesquisas em 2017 com uma coreografia de danças ciganas, mostra-se evidente ao ser capaz de dançar de forma improvisada em seus estudos de dança e até mesmo em apresentações no atual momento.

A dança do ventre, disponível em Blumenau/SC, para o estudo prático, veio agregar ainda mais conhecimento histórico, cultural e artístico, percebendo-se o entrelace e as diferenças entre essa modalidade e as danças ciganas, cada qual com suas especificidades, mas com uma origem em comum.

Concluiu-se, por intermédio dessa pesquisa, que tanto nas danças ciganas quanto na dança do ventre, ao criar significados a partir da diversidade cultural da etnia cigana, delineando relações entre a pessoa que dança e suas existências sociopolítico-culturais, são reconhecidos e valorizados conhecimentos históricos, étnicos e culturais a serem utilizados como instrumentos pedagógicos. Assim como reconhecendo, valorizando e respeitando a etnia cigana de modo geral.

Esta pesquisa fez parte do desenvolvimento e estabelecimento do trabalho da pesquisadora com essa modalidade de dança na cidade, assim como com seu registro na Universidade Regional de Blumenau - FURB, para a comunidade acadêmica e para a comunidade local, contribuindo, também, na bibliografia geral sobre o tema, encontrada de forma escassa.

Dessa maneira, esta pesquisa inicial poderá proporcionar muitas ramificações para novas pesquisas e aprofundamentos, contribuindo com o conhecimento, estudo e reflexões acerca das danças ciganas, seu percurso histórico, sua manifestação artística e pedagógica no mundo contemporâneo, e no meio acadêmico como forma de pesquisa em arte e dança.

REFERÊNCIAS

KUSSUNOKI; Sandra Aparecida Queiroz; AGUIAR, Carmen Maria. Aspectos históricos da dança do ventre e sua prática no Brasil. Rio Claro, **Motriz**, v. 15, n. 3, p. 708-712, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/20764/WOS000270451700026.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 04 jun. 2021.

LABAN, Rudolf. **Domínio do Movimento**. 5. ed. São Paulo: Summus, 1978.

MACHADO, Greice; MARTINS, Claudete da Silva Lima; SILVA, Angelica Linhares da. A inclusão da cultura cigana nas escolas de Bagé: desafios e possibilidades. In: SALÃO INTERNACIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO – SIEPE, 9, 2017, Santana do Livramento, **Anais [...]**. Santana do Livramento: Universidade Federal do Pampa, 2017, 7 p. Disponível em: https://guri.unipampa.edu.br/uploads/evt/arq_trabalhos/14165/seer_14165.pdf. Acesso em: 04 jun. 2021.

MAHAILA, Brysa. **Os pilares da profissionalização em dança do ventre: história e folclore**. v.1. São Paulo: Kaleidoscópio de idéias, 2016.

MAIA, Simone Brilhante. **A dança cigana como prática artística e pedagógica**. 2013. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Dança) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013. Disponível em: https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/1290/1/Maia_Simone_Brilhante.pdf. Acesso em: 04 jun. 2021.

RAMANUSH, Ingrid. **Danças ciganas**: Projeto Kheles Amensa. Embaixada Cigana do Brasil Phraliepen Romane. São Paulo, 2012. Disponível em: http://www.embaixadacigana.org.br/dancas_ciganas.html. Acesso em: 04 jun. 2021. [Acesso restrito].

RAMANUSH, Ingrid; RAMANUSH, Nicolas. **Danças e músicas ciganas**. São Paulo, 2017. Disponível em: [Cigana Ramanush.pdf](#). Acesso em: 04 jun. 2021. [Acesso restrito].

RONCON, Monica; FONSECA, Carolina. **Danza Duende:** gypsy duende. 2013. Disponível em: http://www.danzaduende.org/PDF-Bibliotheque/Gypsy_Duende-Article-MonicaRoncon-CarolinaFonseca_PT.pdf. Acesso em: 04 jun. 2021.

SIMÕES, Sílvia Régia Chaves de Freitas. **Educação cigana:** entre-lugares entre escola e comunidade étnica. 2007. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/89816/249651.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 04 jun. 2021.